

Bom dia a todos (boa tarde a todos)

É com muita alegria que falo para vocês hoje, pois muitos de vocês se reuniram para vivenciar um momento especial por ocasião deste Jubileu de 2025. Um Jubileu que abre as portas para todos, que abre caminhos para um futuro que podemos construir juntos, com esperança.

Acabamos de ouvir uma passagem do Evangelho de São Lucas e, ao preparar para vocês estas poucas palavras, lembrei-me do seguinte:

Primeiramente, a leitura do profeta Isaías feita por Jesus na sinagoga: *“...Ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos” (Lc 4, 18).*

Em seguida, observei o comentário que Ele faz: *“Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4, 21).*

O que a leitura de Isaías que acabamos de ouvir diz para nós, Filhas da Caridade, para vocês, jovens vicentinos que querem construir suas vidas não em areias movediças, mas em terreno sólido, de modo que, ao longo dos anos, possam resistir aos ventos inevitáveis que alguns de vocês já devem estar enfrentando?

Quem são os pobres, os cativos, os cegos, os oprimidos...? As Filhas da Caridade trabalham ao lado deles todos os dias, nos 97 países onde as Comunidades estão presentes. Temos Irmãs em Nicarágua, onde a situação se agrava cada vez mais; na Maurîtânia, no deserto; na Índia, junto às pessoas doentes de lepra; na Nigéria, onde as Irmãs estão muito empenhadas com crianças e jovens com deficiência auditiva... Estes são apenas alguns exemplos.

É na proximidade com seus irmãos e irmãs que sofrem, de alguma maneira, que elas fazem a experiência do verdadeiro encontro com os outros, a experiência da presença de Deus. Esses encontros permitem que elas deixem Deus trabalhar nelas e, como vocês cantam, elas podem dizer: *“Eu lhe dou minha vida para amar os outros e, mesmo que me falte força, tu não me faltarás jamais”.*

Deus é paciente. Ele não se cansa de esperar! Cada pessoa é única aos seus olhos e eu retorno a música novamente: *“tu me chamas pelo nome”, “aqui estou, Jesus, em minha fragilidade, tu renovas meu caminho, a fé me sustentará”.*

Pessoalmente, posso testemunhar que Deus tem sido muito paciente comigo. Foi no Haiti que descobri a oração e a grande pobreza. Um dia fui ao Egito, ao Cairo, onde pela primeira vez encontrei uma Comunidade de Filhas da Caridade em um bairro muito pobre. Foi preciso três anos para reconhecer o chamado do Senhor e lhe dizer “sim” com tudo o que sou, inclusive com minhas limitações. Foi uma caminhada com altos e baixos!

Desde então, tenho tentado, dia após dia, ser-lhe fiel e estar totalmente aberta aos outros. Minha vida não é mais construída sobre a areia, mas sobre Cristo. Ele me ensinou a viver sem medo das ondas e a reconhecer as alegrias simples da vida. Sim, eu sou feliz! É o meu pequeno segredo de felicidade que estou compartilhando com vocês!

Retorno a leitura do Evangelho.

Depois de ler uma passagem do profeta Isaías, Jesus acrescenta este comentário: *“Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”*. Ele se dirige hoje a todos nós: batizados, Filhas da Caridade, jovens vicentinos ou jovens que buscam um sentido para suas vidas.

Não esqueçamos de que a palavra de Jesus não parou em Nazaré. Quando ele disse: *“Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”*, este hoje se prolonga até o momento, aqui, hoje.

Compete a todos nós ouvir a boa nova, aquela que alimenta, acalma, cura e nos abre para o mundo, porque não fomos criados para ficar sozinhos em uma ilha, mas para viver e seguir em frente juntos. Precisamos uns dos outros, seria uma ilusão pensar o contrário.

Viver em uma comunidade às vezes é uma aventura! Mas posso testemunhar toda a amizade, o apoio e o incentivo que recebi. Acima de tudo, não se trata de sermos todas iguais. Nossas diferenças são uma riqueza, e eu descobri isso com o tempo. Nos unimos, mas continuamos sendo quem somos.

Jesus propõe um programa de vida e chama trabalhadores para a sua messe.

Quem são os pobres, os cativos, os cegos, os oprimidos? Eles estão lá, mas às vezes não os vemos: os isolados, os idosos, os doentes ou aqueles que tiveram de deixar seu país, sua família, os sem-teto... Como podemos abrir nossos olhos? Como podemos evitar de nos afastar daqueles que nos chamam?

Vocês ouviram o que eu disse antes! Hesitei por três anos antes de entrar para as Filhas da Caridade. Durante todo esse tempo, desviei meu olhar, não daqueles que me chamavam, mas, acima de tudo, do chamado de Deus! Fechei meus olhos e tampei meus ouvidos!

Como abrir nossos olhos para aqueles que nos chamam? A atitude de Jesus e a maneira como ele olha para os outros devem nos inspirar. Antes de tudo, ele está atento, descentralizado de si mesmo, e olha com bondade, sem julgar, confiante na capacidade que o outro tem de se erguer e também confia naquele que quer doar sua vida.

Quando visito países tão diferentes uns dos outros, por exemplo, Cuba, Síria, Burundi, Vietnã, Ucrânia e tantos outros, fico maravilhada ao ver a paixão das Irmãs em buscar os mais pobres, em procurar meios para que eles recuperem suas vidas, possam levantar-se e seguir.

Também tenho uma lembrança muito simples de ir a um centro para jovens deficientes em Kosovo. Eles haviam organizado uma pequena festa. Fiquei tão comovida ao ver jovens fragilizados por sua deficiência no corpo e na mente e que, com essa fragilidade, puderam realizar um momento bem preparado, alegre, belo. Acolher era seu único desejo, sua alegria. Que lição!

Suas atitudes refletiam o amor e mostravam o que podemos aprender com aqueles que são pobres, cativos, cegos ou oprimidos. São Vicente costumava dizer que os pobres nos ensinam. O que vocês já aprenderam com eles?

Durante 12 anos, trabalhei em uma Comunidade ao norte de Paris, em uma área muito pobre. Eu era assistente social e posso dizer que, todos os dias, aprendi com as famílias que encontrava. Fiquei maravilhada ao ver mães corajosas, ao ver a alegria das crianças quando elas percebiam que todos tinham riquezas em si.

As Filhas da Caridade se doam todos os dias, com o que têm e com o que são, para cumprir essa passagem da Escritura que acabamos de ouvir, conscientes de que também precisam ir além de si mesmas para superar medos, limitações, incertezas, obstáculos... para alcançar aqueles que a sociedade deixa à margem.

Responder aos apelos dos que sofrem, querer permanecer fiel às exigências do Evangelho, aceitar as dificuldades sem medo, não pode ser feito sem a ajuda de Deus. É por isso que o encontramos todos os dias, juntas, no silêncio da oração e na meditação da Palavra de Deus. Às vezes isso é quase evidente, e desta forma ficamos entusiasmadas, mas às vezes é mais complicado.

Reconheço que rezar nem sempre é fácil e, em alguns dias, tenho a impressão de estar inerte, apenas sentada na capela! Então, eu me pergunto: onde Deus está hoje?

Um dia, o profeta Elias compreendeu que Deus não estava na tempestade, no terremoto ou no fogo, mas na brisa suave (cf. 1 Reis 19, 11-12). Ele levou muito tempo para entender isso, para sobreviver a provações e dúvidas.

Ainda hoje, Deus não está no fogo ou em efeitos especiais, mas faz um sinal, muitas vezes discretamente, sem se impor, através de um olhar de amor que ele oferece a cada um de nós pessoalmente.

Ele os chama, levando em consideração seus anseios e personalidades, para mostrar-lhes a direção do caminho da fraternidade e da esperança. Deus se dirige a você com grande respeito. Mas ele também lhe questiona!

Onde ele te quer? Como ele pode se tornar ainda mais seu companheiro de estrada? Como se unir a ele em seus irmãos e irmãs mais pobres? Como fazer de sua vida uma peregrinação de esperança, a esperança que não passa e que é partilhada com aqueles que a desejam?

Boa caminhada, Deus o espera de braços abertos!

Irmã Françoise Petit